

8 *O passado presente do “tempo do curraleiro”: etnografando a gente e o gado no Quilombo Kalunga*

*(The past and present of the “curraleiro time”: ethnographing the
people and the cattle in Quilombo Kalunga)*

*(El pasado y el presente del “tiempo curraleiro”: etnografía de la gente
y el ganado en el Quilombo Kalunga)*

Francisco Octávio Bittencourt de Sousa¹

1. Doutorando em Desenvolvimento Sustentável pelo PPGCDS/UNB. Mestre em Desenvolvimento Sustentável pelo PPGCDS/UNB. Especialista em Ciência, Tecnologia e Sociedade (CTS) pelo PPGFAU/UNB. Bacharel em Antropologia e Licenciado em Ciências Sociais na Universidade de Brasília. Técnico em edificações pelo IF Goiano - Campus Trindade. Recebi menção honrosa no X Prêmio de Direitos Humanos da 33 Reunião Brasileira de Antropologia, venci a categoria ‘Democracia e Participação’ do Prêmio Anísio Teixeira de Direitos Humanos da Universidade de Brasília, fui premiado no Prêmio Martin Novión de Melhor Dissertação de Graduação em Antropologia da Universidade de Brasília. Atualmente trabalho com temas relacionados a conflitos agrários, meio ambiente e direitos humanos envolvendo indígenas e PCTs. ID Lattes: <http://lattes.cnpq.br/4432857212289289>. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-7083-4233>.

Resumo – Este estudo apresenta uma breve etnografia dos Kalunga, destacando sua relação com a fauna doméstica e a acumulação de experiências ao longo do tempo. Realizada no segundo semestre de 2023, a pesquisa envolveu doze criadores de gado no núcleo populacional da Prata, no Quilombo Kalunga, em Goiás. O artigo aborda as diferentes raças de gado, suas características distintivas, métodos de criação locais, conexões com o mercado e a memória coletiva do “Tempo do Curraleiro”. Inspirada em estudos sobre adaptabilidade, a análise revela aspectos sociais fundamentais para a identidade dessa comunidade rural, destacando a importância da terra, meio ambiente, trabalho e família. A conclusão aborda as mudanças do “Tempo do Curraleiro” para os dias atuais e seus impactos nas diferentes gerações.

Palavras-chave: Etnografia; Kalunga; gado; memória; comunidade.

Abstract – This study presents a brief ethnography of the Kalunga, highlighting their relationship with domestic fauna and the accumulation of experiences over time. Conducted in the second semester of 2023, the research involved twelve cattle breeders in the Prata population nucleus, in the Kalunga Quilombo, in Goiás. The article addresses the different cattle breeds, their distinctive characteristics, local breeding methods, connections with the market, and the collective memory of the “Time of the Curraleiro”. Inspired by studies on adaptability, the analysis reveals fundamental social aspects for the identity of this rural community, emphasizing the importance of land, environment, work, and family. The conclusion addresses the changes from the “Time of the Curraleiro” to the present day and its impacts on different generations.

Keywords: Ethnography; Kalunga; cattle; memory; community.

Resumen – Este estudio presenta una breve etnografía de los Kalunga, destacando su relación con la fauna doméstica y la acumulación de experiencias a lo largo del tiempo. Realizada en el segundo semestre de 2023, la investigación involucró a doce ganaderos del centro poblado de Prata, en el Quilombo Kalunga, Goiás. El artículo aborda las diferentes razas de ganado, sus características distintivas, los métodos locales de crianza, las conexiones con el mercado y la memoria colectiva del *Tempo do Curraleiro*. Inspirado en estudios sobre adaptabilidad, el análisis revela aspectos sociales fundamentales para la identidad de esta comunidad rural, destacando la importancia de la tierra, el medio ambiente, el trabajo y la familia. La conclusión aborda los cambios desde el *Tempo do Curraleiro* hasta la actualidad y sus impactos en las diferentes generaciones.

Palabras clave: Etnografía; Kalunga; ganado; memoria; comunidad.

1. Introdução

Podemos pensar como homem e como os bois.

Mas é melhor não pensar como homem...

(Guimarães Rosa, no conto “Conversa de bois”)

Neste artigo, realizo uma breve etnografia dos Kalunga, explorando sua relação com a fauna doméstica e destacando a acumulação de experiências ao longo do tempo. A pesquisa de campo foi conduzida no segundo semestre de 2023, em colaboração com doze criadores de gado no núcleo populacional da Prata, situado no Quilombo Kalunga, no extremo norte do estado de Goiás, no Cerrado brasileiro. O texto aborda as diferentes raças de gado, suas características distintivas conforme relatadas pelos participantes, os métodos de criação locais, as conexões com o mercado e a evocação da memória coletiva do “Tempo do Curraleiro”, uma época de abundância e contraste em relação ao presente. Inspirada por estudos sobre adaptabilidade, esta análise não apenas ilumina um período de prosperidade passada, mas também revela aspectos sociais essenciais para a identidade e o modo de vida dessa comunidade rural. Através da tradição oral, são destacadas a impor-

tância da terra, do meio ambiente, do trabalho e da família como pilares fundamentais para a coesão social do grupo.

As vastas extensões de campos tropicais historicamente sustentam populações humanas de várias maneiras, com o surgimento de perissodáctilos e artiodáctilos na era terciária ampliando sua relevância. A diversidade de espécies animais influencia a vegetação, promovendo o crescimento de gramíneas sobre árvores. Comunidades humanas se adaptam através da caça, criação de animais e estratégias pastoris e agrícolas, sendo a criação de animais a principal fonte de subsistência devido à irregularidade das chuvas. A relação entre animais e campos é complexa, com variações nos padrões de crescimento e produção de biomassa, destacando-se uma maior eficiência nos sistemas de criação de gado voltados para o mercado. Em contraste, em áreas de subsistência, a qualidade da forragem é inferior, exigindo longas buscas por alimento e alto custo energético (Moran 1994).

A presença do gado bovino no Brasil desde os primeiros anos após a chegada dos portugueses desempenhou um papel crucial na formação territorial do país ao longo do tempo, tornando-se um dos

capítulos mais importantes da história brasileira. A pecuária expandiu-se eficazmente, ocupando vastas áreas do território e integrando economicamente regiões inteiras. Além disso, a pecuária foi fundamental na sustentação das populações do sudeste entre o fim da mineração e o início do ciclo do café, permitindo a rápida expansão dessa cultura. A relação da pecuária com a população negra nos sertões também é significativa, com diversos grupos, incluindo índios, mestiços e escravizados fugitivos, contribuindo para a expansão desse setor. Essas populações desempenharam um papel essencial na adaptação do gado ao pasto e na manutenção do rebanho, lidando com predadores e conhecendo seus hábitos de pastagem (Schlesinger 2010).

2. O gado

Criar gado na comunidade alvo deste estudo é mais do que uma atividade, é um elo diacrônico que evoca tempos passados de fartura na região, um período recordado como a “era do curraleiro”. Esta raça de gado é lembrada por muitos produtores, principalmente os médios e pequenos, como “fartureto”, produtor de carne saborosa e leite de alta qualidade. Hoje na região da Prata, diversos tipos de gado são

criados, cada um com características específicas e adequados para diferentes propósitos, refletindo um processo histórico de diversificação da produção. O gado criolo/comum é o mais comum e amplamente encontrado, sendo criado por pequenos e médios produtores locais. Além disso, há o gado nelore/anelorado, tabanel e tabapuã, que geralmente são criados por produtores médios e grandes. Numa miscelânea digna de Guimarães Rosa (2012), encontramos também o gado guzerá, holandes e gir, mais raros na região.

O gado Nelore, de origem india e introduzido no Brasil no século 19, destaca-se como uma das principais raças na pecuária brasileira, respondendo por cerca de 80% do gado de corte nacional (Oliveira et al 2002). No Kalunga, apresenta características distintivas, como pelagem predominantemente branca ou cinza-clara, pele escura e olhos brilhantes em forma de amêndoas. Seus machos tendem a ser mais musculosos, com cupins e pescoços proeminentes, e podem possuir chifres que crescem em diferentes direções. No entanto, alguns exemplares podem apresentar comportamento agressivo. Já a raça Tabapuã, originada em Goiás (Rosa et al 1992), é conhecida por sua docilidade e resistência, sendo fácil de cuidar e rápida no ganho de peso. Os animais

FRANCISCO OCTÁVIO BITTENCOURT DE SOUSA

2. É interessante notar que o cromatismo desempenha um papel fundamental para os interlocutores, ao descrever individualmente um animal, mesma conclusão de Süsskind (2014) no pantanal. Essa descrição inclui não apenas a cor, mas também outras características físicas, como o formato e o tamanho dos chifres, ou qualquer traço peculiar do animal em questão. Essa prática permite que eles identifiquem, por exemplo, a mãe de um bezerro específico em meio a um grupo de gado predominantemente branco, diferenciando tonalidades em uma escala de branco para cinza. O elemento cromático serve como uma descrição concisa do animal, funcionando como um substituto de nomes.

são caracterizados por uma pelagem branca ou cinza, corpo forte e longo, sem chifres, e adaptam-se bem a cruzamentos com outras raças. Por sua vez, o Tabanel resulta do “choque”/cruzamento entre Nelore e Tabapuã, combinando a rusticidade do primeiro com a facilidade de reprodução e ganho de peso do segundo, visando criar animais ideais para a produção de carne de qualidade em diversos ambientes.

A raça Guzerá, trazida da Índia em 1870 (Peixoto 2009), possui características notáveis, como cabeça alta, chifres em formato de lira e pelagem cinza ou branca². Sua resistência à seca e partos facilitados destacam-se, além da produção leiteira que garante o desenvolvimento saudável dos bezerros. No entanto, na região da Prata, é raro encontrar um Guzerá puro, sugerindo cruzamentos com outras raças. O gado Holandês, reconhecido por sua aparência manchada, tem temperamento tranquilo e é valorizado na produção de leite, embora demande cuidados e alimentação suplementar, especialmente durante a estação seca. Enquanto isso, o gado Gir apresenta características distintas, como testa larga, corpo robusto e pelagem variada em tons de vermelho e amarelo. Suas habilidades leiteiras são suportadas por um físico musculoso e mamas desenvolvidas.

Na região da Prata, cada tipo de gado apresenta vantagens e usos específicos. O tabapuã destaca-se pela produção de carne devido ao seu peso, enquanto o gir é preferido para produção leiteira eficiente. O gado crioulo/comum é uma opção intermediária, utilizada em diversas situações. A escolha do tipo de gado está ligada aos objetivos de produção de cada família. Há uma distinção clara entre os tipos de gado baseada em qualidade e quantidade. Nelore/anelorado, tabanel e tabapuã são escolhidos pela qualidade, adequados para maximizar a qualidade dos produtos. Por outro lado, o gado crioulo/comum é criado principalmente com base na quantidade, sendo uma escolha pragmática para criadores que buscam um rebanho numeroso e resiliente.

O modelo de criação de gado na região da Prata está se diversificando, com cerca da metade dos produtores optando pela criação solta, conhecida como criação “no agreste”, e a outra metade adotando a criação fechada. A criação solta requer menos controle sobre a alimentação dos animais, mas envolve desafios como a necessidade de monitorar os animais, especialmente em relação ao acesso ao sal, e lidar com a dispersão e possíveis ataques de predadores. Já a criação fechada oferece vantagens como ganho de peso mais rápido e reprodução eficiente,

mas demanda cuidados diários intensivos e custos adicionais de mão de obra e manutenção das instalações. A escolha entre os dois sistemas depende dos objetivos de produção de cada família e das necessidades específicas do rebanho.

Atualmente, mesmo na criação de gado solto, cada produtor possui seu próprio “retiro”. Isso significa que, mesmo que tenham a opção de colocar o gado em um local compartilhado, por respeito, eles optam por manter os animais em áreas separadas. Embora seja possível fazer de outra maneira, essa prática demonstra a importância do respeito entre os produtores e a manutenção de seus espaços individuais de criação de gado.

A pressão por inovações tecnológicas é baixa, dado que um vaqueiro é capaz de conduzir muitas cabeças de gado em uma área com milhares de hectares. Uma vez estabelecida uma operação produtiva, os pecuaristas mais velhos tendem a operar com o mínimo de experimentação. As pastagens naturais se tornam unidades específicas de recursos, e os indivíduos operam com base na combinação de experiência acumulada e adaptação às novas condições do mercado (Moran 1994).

Alguns criadores optam por um sistema mis-

to de criação, alternando entre pastagem fechada e área aberta. Eles fecham o gado durante um período do ano para permitir que a vegetação se regenere e, em seguida, soltam o gado depois das primeiras chuvas. Isso é feito porque, na primeira chuva, se o gado estiver solto, ele pode consumir rapidamente a vegetação que brota. Um criador mencionou que começou a adotar o sistema fechado porque a comunidade local cresceu e os animais começaram a invadir as plantações dos vizinhos. Portanto, manter parte do rebanho fechado ajuda a evitar danos às áreas de cultivo dos outros moradores.

O crescimento do gado pode ser dividido em vários estágios distintos, cada um com suas características específicas. Inicialmente, temos os bezerros e as bezerras, que são os filhotes de bovinos, sendo os bezerros machos e as bezerras fêmeas. À medida que crescem, os bezerros e bezerras se tornam garrotes e novilhas, respectivamente, ainda em fase de desenvolvimento. Conforme o tempo passa, os garrotes se transformam em bois, enquanto as novilhas se tornam vacas, alcançando a maturidade. As vacas são capazes de reprodução nessa fase, e é importante observar que, quando criadas em ambiente controlado, elas podem dar cria a cada 9 meses. Além disso, alguns bezerros e garrotes podem ser “tourinhos”,

que são machos com características desejáveis para reprodução, jovens e ainda não maduros. Os touros, por outro lado, são machos maduros e prontos para reprodução.

É relevante mencionar que o tempo necessário para que um bovino atinja a maturidade reprodutiva pode variar, sendo que o gado criado solto geralmente leva mais tempo para atingir esse estágio (até 4 anos). Esse ciclo reprodutivo desempenha um papel fundamental na criação de gado e na economia doméstica, dado que “o dinheiro do gado é anual”, exigindo outras atividades para a complementação de renda.

3. Causos do curraleiro

E de repente eu vi que o gado estava cheio de ideia,
começando um manejo esquisito.

(Guimarães Rosa, no conto “O burrinho pedrês ”)

O gado curraleiro na região da Prata evoca uma sensação de saudade, pois era uma realidade comum até os anos 1960. Este tipo de gado era conhecido por sua robustez e resistência, características que lhe conferiam o atributo de menos “sistêmico”. Para muitos, a carne do curraleiro é considerada mais sa-

borosa e o gado também é lembrado por sua produtividade leiteira. Além disso, há histórias que sugerem a incrível capacidade do curraleiro de sobreviver até mesmo em condições adversas, como durante períodos longos de seca, quando dizem que “comia até lama”.

O gado curraleiro é um tipo de gado que se destaca por ser resistente e fácil de criar. É uma raça boa para ter filhotes e pode começar a tê-los a partir dos três anos de idade. Essas vacas são conhecidas por serem valentes, conseguem se adaptar bem ao “agreste” e não ficam doentes com facilidade. Além disso, a carne delas é mais macia do que a de outras vacas. São menores do que outras raças e têm pelos curtos e finos. Os chifres delas são grandes e lembram uma coroa. A cor da pelagem varia entre amarelo-avermelhado e marrom, com as extremidades das patas mais escuras. As orelhas são pequenas e o pescoço é curto. Elas têm uma altura média de 1,10 a 1,35 metros e pesam de 250 a 350 quilos quando adultas. Essas vacas também eram muito usadas na lida diária e como meio de deslocamento.

Foi dito que o curraleiro produz leite com muita gordura, o que é ótimo para fazer um tipo de queijo que não leva produtos químicos e é cozido em

um tacho sobre o fogo à lenha. A carne dessas vacas também é muito saborosa e pode ser cozida, frita ou assada. Outro processo comum era a salga e deixar secar ao sol por dois dias, tornando-a parecida com carne de sol. Um prato típico feito com essa carne é a paçoca de carne de sol, que é feita batendo a carne com farinha de mandioca, cebola e alho no pilão. A carne do curraleiro, como vimos, é conhecida por ser macia e saborosa.

A presença do curraleiro na região diminuiu ao longo do tempo, tornando-se uma lembrança. No entanto, o desejo de recuperar essa herança cultural e animal não se perdeu. Em 2006, a Universidade Federal de Goiás (UFG), em parceria com o Ministério da Integração Nacional, lançou o projeto “Estabelecimento e Manutenção de Núcleos de Criação de Gado Curraleiro”. Esse projeto teve como objetivo reintroduzir o curraleiro na região, estabelecendo um núcleo de criação no Sítio Histórico e Patrimônio Cultural Kalunga. O projeto contou com o apoio de várias instituições e organizações locais, como a Prefeitura Municipal de Cavalcante e a Associação Kalunga de Cavalcante. Em junho de 2007, 86 bovinos curraleiros foram adquiridos de diferentes rebanhos e esses animais foram distribuídos entre dez famílias da Comunidade Kalunga de Cavalcante, localizadas

em diversas regiões do território. Essa iniciativa buscou resgatar a presença do gado curraleiro na região, honrando suas tradições e contribuindo para a preservação da diversidade genética e cultural associada a essa raça (Fioravanti et al 2008).

É interessante notar que, segundo relatos dos moradores da Prata, o projeto de reintrodução do gado curraleiro “ainda não chegou à região”, embora haja expectativas positivas sobre sua implementação futura. No entanto, há boatos de que o projeto pode ter sido descontinuado devido a relatos de que vários animais foram abatidos durante as celebrações locais. Isso sublinha a relevância da presença de antropólogos em equipes multidisciplinares que trabalham em projetos desse tipo, para entender melhor as dinâmicas culturais e tradicionais da comunidade local e evitar conflitos com as práticas locais. Vale ressaltar que, em muitas comunidades rurais, é comum que durante períodos festivos os festeiros doem animais para o abate como parte das celebrações. Essa prática cultural pode desempenhar um papel importante na vida da comunidade, na redistribuição de recursos e na manutenção de laços de reciprocidade; por isso precisa ser compreendida e respeitada ao se implementar projetos que envolvem a introdução ou manejo de gado.

Alguns interlocutores ressaltam que o curraleiro é vendido a preços mais baixos em comparação com o nelore, pois tem características que não são tão atraentes para os compradores, como a cor de sua pelagem. Além disso, não se cria curraleiro fechado/de forma intensiva, pois o arame não é eficaz para conter o bicho, que consegue passar por ele com facilidade, o que resulta em um crescimento mais lento. Apesar de enfrentar preconceito e subvalorização, principalmente devido à influência dos grandes produtores que preferem raças mais comerciais, há esperança de que a crescente procura da população por produtos únicos, criados de forma sustentável, com baixa utilização de recursos e impacto ambiental mínimo, possa levar ao reconhecimento do valor do gado curraleiro (Aurélio Neto 2011).

A ascensão e queda do curraleiro coincide com a entrada de grandes frigoríficos estrangeiros no Brasil, marcando uma mudança significativa na indústria de carne nacional. Essas empresas, voltadas para a exportação, dominaram o mercado de carne congelada e enlatada no país por décadas, exercendo controle sobre a produção de gado. A King Ranch, associada ao Swift e à Deltec Internacional, adquiriu vastas propriedades no Brasil, ultrapassando 200 mil hectares em 1969. O rápido crescimento da pe-

cuária bovina, evidenciado por dados censitários entre 1940 e 1967, refletiu a demanda interna por carne e laticínios, especialmente nas áreas urbanas do centro-leste do país. O Mato Grosso já despontava como uma das principais regiões pecuárias do Brasil por volta de 1970 (Schlesinger 2010).

Nos anos 1970, empresas norte-americanas, como a King Ranch e a Deltec Internacional, planejavam expandir suas operações de processamento de carne enlatada em estados brasileiros como Goiás e Pará, enquanto a Bourbon investia em instalações em Anápolis e a Anglo planejava uma nova fábrica em Goiânia. A concentração de terras cresceu, exemplificada pela Companhia de Desenvolvimento do Araguaia, com 196,4 mil hectares. Em 1973, o Brasil já era o terceiro maior produtor de carne bovina, com 90 milhões de cabeças. O crescimento do rebanho, especialmente nas regiões norte e centro-oeste, impulsionou a expansão agrícola e o investimento, tornando a região centro-oeste a maior produtora do país na década de 1980. Em 1987, o Departamento de Comércio dos EUA observou a entrada do Brasil no mercado mundial de carne, com modernização da produção e processamento (Schlesinger 2010). Com isso, o curraleiro se viu em meio a um processo massivo de substituição por outras raças.

À luz do tempo do curraleiro, para os pequenos criadores, a criação de gado na região passou por um período de decadência com a inserção de tipos de gado que “sentem mais” no cerrado, o aumento do roubo e da predação por onça. Algumas dessas marcas ainda persistem, mas hoje são amenizadas com a implementação de políticas públicas direcionadas para comunidades remanescentes de quilombo, como as tentativas de reintrodução do curraleiro na região e, principalmente, com o acesso dos mais velhos à aposentadoria rural.

É fundamental destacar três períodos distintos de construção de memória na comunidade Kalunga. O primeiro é o “Período do Curraleiro”, que remonta às memórias compartilhadas pelos entrevistados, desde suas infâncias até as narrativas transmitidas por gerações passadas, abrangendo o início do século XX até meados da década de 1960. Em seguida, temos o “Período do Projeto”, que coincide com o processo de reconhecimento da comunidade como quilombola e o acesso a políticas públicas, como o Projeto Kalunga Povo da Terra liderado por Mari Baiochi. Esta fase se estende da década de 1980 até meados da década de 2000, marcando uma transformação significativa e uma maior visibilidade da comunidade, juntamente com a introdução de novas

raças de gado. Por fim, temos o “Período das Onças”, que compreende desde 2010 até os dias atuais, caracterizado por conflitos ambientais mais frequentes, a expansão do turismo na região da Prata e uma especialização crescente na criação de rebanhos maiores.

Cada um desses períodos representa uma parte significativa da história e da memória da comunidade e a análise desses diferentes momentos oferece insights importantes sobre a evolução das relações humanas com o ambiente, os ajustes sociais e culturais e os desafios enfrentados ao longo do tempo. Esses períodos também são marcados por um progressivo crescimento populacional na região da Prata e um movimento de cercamento do gado, que cada vez menos é criado “na solta” ou “no agreste”.

4. O campesinato na Prata

Aqui o gado é que cria a gente (...)
(Guimarães Rosa, no conto “Entremeio com o vaqueiro Mariano”)

Essa dinâmica pode ser interpretada à luz dos estudos sobre o campesinato (Santos 2012). Entre a maioria dos Kalunga prevalece uma combinação de

3. Como a de Maestri, 2005.

produção para subsistência e comercialização de seus excedentes. Embora poucos autores relacionem um campesinato negro a um período pós-abolicionista (Maestri 2005), os núcleos quilombolas às margens do Paraná e seus afluentes tendem a demonstrar o contrário.

Primeiramente, vale destacar que a origem da comunidade rural da Prata remonta ao século XVIII. Apesar de não ser uma realidade plenamente mantida, devido ao constante acesso de estranhos, os Kalunga afirmam que, desde que se estabeleceram naquelas terras, gozam da liberdade para cultivar seus alimentos e criar gado. Essa autonomia lhes permite obter seu sustento sem depender de terceiros. Essa independência é vista como resultado do trabalho árduo das famílias, aliado à conexão com a terra, construindo assim os elementos necessários para a sua reprodução através das gerações.

Contrariando algumas observações, o passado na Prata - mesmo com a dimensão de dificuldade de acesso aos núcleos urbanos - é lembrado como um período de abundância, onde a produção era generosa, apesar dos desafios naturais enfrentados pelas famílias, como as enchentes e secas perenes. Além disso, a produção Kalunga referente ao gado tam-

bém contradiz algumas interpretações³ que sugerem uma economia quilombola marcada pela rusticidade das ferramentas, ausência de tração animal e foco na subsistência com plantas de ciclo rápido. A realidade local reflete o contrário, mostrando uma tradição de criação de gado que envolve cuidados e planejamento a longo prazo, desde o nascimento dos animais até sua engorda e abate.

Essa análise destaca alguns aspectos da vida campesina que podem ser aplicados à comunidade Kalunga, especialmente em relação aos níveis de campesinidade (Woortmann 1990). Isso ajuda a valorizar a dinâmica na qual esses indivíduos são considerados como agentes históricos. Através dessa abordagem, vários elementos, como família, trabalho, terra e ambiente, podem ser compreendidos e analisados em relação à comunidade da Prata. Essa análise é fundamental para entender as especificidades da produção, da organização social e da divisão do trabalho, bem como sua relação única com o meio ambiente, evitando enquadrá-los de forma simplista nas teorias clássicas do campesinato e dos estudos ambientais (Santos 2012).

No contexto da Prata, o desenvolvimento da produção de subsistência, aliado à comercialização

dos excedentes, dependia diretamente do trabalho fundamentado na unidade familiar, característica ainda preservada. Da mesma forma que no passado a produção de itens como a farinha destinados à venda dependia da força de trabalho de pais e filhos. A reprodução do modo de vida da comunidade ao longo do tempo está intrinsecamente ligada às categorias mencionadas e é notável a ocorrência de uma forma muito específica de campesinato (Santos 2012).

A organização de grupos sociais em unidades de produção tem sido um tema de grande interesse para os antropólogos por um longo período. Cada forma de organização social representa uma estratégia de subsistência distinta. Geralmente, essas unidades sociais têm uma base na descendência bilateral, ou seja, os parentes do lado da mãe e do pai são igualmente importantes para os laços emocionais ou para a transferência de propriedade ou riqueza. Vários mecanismos são empregados para ampliar o grupo cooperativo, permitindo que os indivíduos acessem recursos de maneira mais eficaz. Isso é alcançado através da partilha de recursos, casamentos entre membros de diferentes grupos e comércio estabelecido entre grupos com diferentes níveis de acesso a recursos. A partilha de recursos é intensificada por meio de padrões de reciprocidade generalizada

(Santos 2012).

Em algumas populações, a demonstração de riqueza pode servir como uma maneira de redistribuir tanto recursos quanto alimentos, além de elevar o prestígio social de um indivíduo. Por exemplo, festivais são realizados - entre outros fins cosmológicos - para redistribuir a produção, buscar aliados e resistir a mecanismos naturais de controle do crescimento das populações humanas e dos rebanhos. Ao longo do tempo, para combater a seca, foram construídos poços profundos. As guerras diminuíram em escala e frequência e as doenças foram controladas por meio de ações de saúde pública e avanços nas ciências veterinárias e médicas modernas. Historicamente, as populações que praticavam a redistribuição tiveram mais sucesso do que aquelas que não o faziam (Santos 2012). Daí o valor do sacrifício dos currazeiros na tentativa de reintrodução.

Uma das complexidades na análise dos traços de campesinidade em comunidades negras rurais reside no fato de que muitas delas têm suas origens associadas à ideia de fuga, um elemento que ainda permeia o conceito de quilombo no senso comum, ocultando as relações estabelecidas entre os membros da comunidade com sujeitos externos. No en-

tanto, aos poucos, os quilombolas estão sendo reconhecidos não apenas como comunidades isoladas ou como uma população negra homogênea. Muitas vezes, não são apenas descendentes diretos de escravos fugidos, mas sim grupos que desenvolveram práticas cotidianas de resistência para manter e reproduzir seus modos de vida distintos, consolidando seu próprio território (O'Dwyer 2002).

Compreender os processos pelos quais as comunidades negras rurais reinterpretam seu passado para atuar no presente como sujeitos de direitos revela outras possibilidades de existência coletiva. Nessas comunidades, o passado está intrinsecamente relacionado à apropriação específica de um território que possibilita a reprodução cultural e socioeconômica (Santos 2012). Devido à importância da análise desses fatores na comunidade alvo deste estudo, é importante proceder a um detalhamento mais profundo das categorias terra, família e trabalho na comunidade, com o intuito de compreender como o gado funciona como elo de ligação entre humano e natureza.

O significado da terra está intrinsecamente ligado ao significado do trabalho, e o trabalho, por sua vez, é o cerne da família (Woortmann 1990). Nesse

contexto, a terra é vista como um patrimônio cujo valor está profundamente ligado ao seu papel como meio fundamental de produção. Para os Kalunga, o significado da terra é determinante de sua forma de ocupação, moldada por suas próprias condições históricas. A ocupação da Prata, como investigada em pesquisa anterior (Sousa 2022), é essencial para entender como emergiu uma territorialidade que combina elementos negros e camponeses. Essa territorialidade, entre outras coisas, estabelece uma fronteira que define a inclusão ou exclusão na comunidade. A definição desses limites está diretamente ligada aos processos de parentesco e, por conseguinte, determina como a terra é transmitida como herança, sendo este o bem mais valioso da coletividade (Santos 2012).

A comunidade Kalunga pode ser vista também a partir de uma perspectiva de territorialidade camponesa, uma vez que as relações dentro dela são fundamentadas na unidade familiar, na divisão do trabalho e na autonomia produtiva. A terra, na Prata, assim como em outras comunidades negras, é singularizada por fornecer ao grupo mecanismos próprios e distintos de identificação. É um espaço de atuação tanto individual quanto coletiva e está profundamente enraizada em tradições históricas e cul-

turais compartilhadas por grupos de descendência comum, centrados no parentesco (Brasileiro & Sampaio 2002).

Devido ao tamanho do território, os Kalunga puderam se organizar de forma que os sítios familiares frequentemente ultrapassam os dez hectares, fenômeno que permitiu o desenvolvimento de roçados férteis e criações razoáveis. Todos os membros da família, desde os mais velhos até as crianças estavam envolvidos em algum tipo de trabalho, seja na roça, nos afazeres domésticos, na criação de gado, na pesca, na caça etc. Pais e filhos desempenhavam - e seguem desempenhando - papéis essenciais em todo o processo. Dessa forma, a família é uma condição fundamental dessa organização produtiva, dando origem a diversas relações de produção (Tavares dos Santos 1984).

No que se refere à reprodução dessa estrutura produtiva, é crucial destacar outro aspecto fundamental da família Kalunga, que diz respeito à forma de socialização das crianças. A reprodução da força de trabalho ocorre por meio da procriação e se complementa pelo processo de socialização das crianças. Nesse contexto, existem dois tipos de socialização identificados: a primária, que envolve a conversão

do indivíduo em membro da sociedade, e a secundária, que engloba o conhecimento da divisão social do trabalho (Tavares dos Santos 1984).

Um aspecto revelador da maneira pela qual a família, a terra e o trabalho eram reproduzidos na comunidade da Prata é a importância da participação das crianças nas atividades, sinalizando sua socialização com os valores locais. Ainda hoje é comum que os filhos deixem seus próprios filhos com os avós no território para uma criação “mais tradicional”. Isso demonstra a continuidade da transmissão das tradições de geração em geração. Meninos e meninas são levados para a roça, para o pasto ou para o agreste pelos pais ou avôs, onde auxiliam em tarefas de manejo animal e vegetal. Esse processo tem como objetivo não apenas aumentar a mão de obra disponível, mas também contribuir para o aprendizado dessas crianças, que, quando adultos, reproduzirão esse conhecimento.

Se a produção é central para a reprodução e se é pelo trabalho que a família se constitui, é pelo conhecimento técnico que ela se realiza, sendo o controle desse conhecimento determinante para a hierarquia dentro do grupo doméstico. O poder está intrinsecamente relacionado ao domínio do saber

técnico. Assim, o conhecimento técnico é essencial para a reprodução da estrutura social (Woortmann 1997). Os interlocutores destacaram que é graças a esse aprendizado sobre o trabalho que desenvolvem um profundo respeito pelas gerações mais antigas, o que se traduz em reverência às tradições. Além disso, a divisão das tarefas no trabalho agrícola permite a transmissão de saberes relacionados à terra e às leis da natureza. Esses conhecimentos são valorizados e dinâmicos. Dessa forma, o trabalho da família e a terra formam a base sólida sobre a qual a vida dos Kalunga se sustenta. Isso está intrinsecamente ligado aos seus métodos específicos de reprodução e possibilita a emergência de uma territorialidade que abrange aspectos éticos, culturais, econômicos, sociais e ambientais. Essa territorialidade também é revitalizada por meio da reinterpretação da memória coletiva, que traz de volta o tempo do curraleiro. Isso não apenas contrapõe um passado robusto ao presente mais frágil do período das onças, mas também desempenha um papel na contenção do processo de expropriação de terras e êxodo enfrentado pelos Kalunga há algum tempo.

O tempo do curraleiro está associado ao período em que a maioria das famílias praticava a criação na solta e é lembrado com saudosismo pela maioria

dos membros da comunidade. Esse foi um período em que as pessoas dependiam principalmente da agricultura e da criação de gado para sua subsistência, obtendo grande parte de seu sustento do cultivo de roçados com feijão, arroz, milho e outros produtos destinados à alimentação da família. Os Kalunga aprenderam a ciência da criação do gado por meio de experiências práticas, desenvolvendo uma série de técnicas essenciais para criar, engordar e abater o gado, a exemplo do acostumar o gado ainda muito jovem a lamber sal próximo da sede da fazenda na criação solta/no agreste para facilitar o monitoramento. Essa atividade se tornou dominante na comunidade negra. A gestão da criação era realizada por famílias, característica que ainda se mantém e é facilmente percebida nas entrevistas, pela distinção que os próprios produtores fazem entre o gado da família e o seu gado: “minha mesmo são umas trinta cabeças, mas se juntar as dos meninos faz número”.

Tamanho e composição dos rebanhos desempenhavam - e ainda desempenham - um papel crucial nas estratégias de subsistência dos criadores. Assim como na Prata, para muitas comunidades pelo mundo, como os Pocot africanos, a riqueza e o *status* social estão intimamente ligados ao tamanho do rebanho de gado: alguém com 100 vacas é considerado

rico, enquanto aquele com 10 vacas é considerado pobre, e alguém sem gado é visto como morto. À medida que os rebanhos crescem, surgem desafios adicionais na sua gestão. Alguns grupos, como os Samбуру quenianos, lidam com essa questão dividindo os rebanhos entre suas respectivas famílias (Moran 1994), assim como os Kalunga. Essa estratégia pode ajudar a reduzir o tamanho do rebanho e a distribuir as responsabilidades de cuidado e pastoreio, além de fortalecer laços de reciprocidade e transmissão de conhecimento. É importante ressaltar que essa relação entre trabalho, ambiente e a criação de gado molda o *ethos* da comunidade, contribuindo para a preservação de suas tradições e valores ao longo do tempo.

5. O mercado de gado local

Depois, nos meados da seca, os pastos se evaziavam, e os boiadeiros tinham de espalhar-se em direção aos longínquos centros de cria, para comprar e arrebanhar gado magro.

(Guimarães Rosa, no conto “O burrinho pedrês”)

O acesso crescente aos mercados, como parte do cenário de redistribuição de bens, representou

uma mudança de grande relevância na organização social. Isso abriu oportunidades para que os indivíduos ascendessem na hierarquia social ao influenciarem o fluxo de mercadorias, criando um sistema artificial de preços e estimulando a demanda por produtos não essenciais. Essa abordagem pode ser ampliada e aplicada a questões específicas relacionadas ao processo de tomada de decisão. Esses princípios representam um avanço nas pesquisas, uma vez que raramente foram aplicados à gestão de recursos e aos desafios da adaptação. Em estudos mais recentes, a ênfase recai sobre como os tomadores de decisão não buscam necessariamente a maximização da utilidade, mas, em vez disso, procuram soluções satisfatórias para os problemas, muitas vezes recorrendo a abordagens culturais, indo além da análise econômica em muitos casos (Moran 1994).

A venda de excedentes na comunidade Kalunga se consolidou como prática comum. Esses excedentes eram frequentemente negociados entre os próprios moradores locais, principalmente aqueles que tinham mais recursos e conexões comerciais com a cidade. Essa interação comercial deu origem a diferentes estratégias para os negócios realizados localmente. Até os dias de hoje, as trocas relativas ao gado são vistas como um empreendimento comer-

cial, enquanto as trocas de produtos do roçado não recebe o mesmo tratamento (Woortmann 1997).

Na região da Prata, os criadores de gado variam em tamanho de rebanho. Os maiores criadores geralmente mantêm entre 150 e 200 cabeças de gado, enquanto a média fica em torno de 50 cabeças. Os pequenos criadores negociam com os grandes criadores, e estes, que têm acesso a meios de transporte e redes de comércio mais amplas, realizam negociações com gado fora do território da comunidade. O comércio mais comum é de bezerros, destinados à recria, mas também há negociação de animais em desenvolvimento e já maduros. Esses negócios podem ocorrer de duas maneiras principais: “em pé”, em que o preço é definido por cabeça de gado, ou “no arroba”, em que o preço é baseado no peso do animal por quilo.

Figura 01 - Exemplo de cálculo para venda

Exemplo de cálculo para venda	
“Em pé”	“No arroba”
1 vaca c/ 250kg	1 vaca c/ 250kg
↓ R\$ 2.000,00	(250/15) x 200 ~ R\$ 3.330,00
Vantagem comprador	Vantagem criador

Fonte: do autor

A representação acima foi elaborada a partir do exemplo que um dos interlocutores forneceu, explicando que uma vaca com 250 kg pode ser comercializada em pé, como indicado à esquerda na ilustração, ou no arroba, à direita. Na negociação do animal em pé, o valor estimado seria de aproximadamente R\$ 2.000,00, proporcionando uma vantagem considerável para o comprador. No entanto, ao considerar a unidade de medida “arroba”, equivalente a 15 kg, o preço da vaca sofre alterações. Para calcular o valor do animal no arroba, é necessário dividir o peso da vaca (250 kg) por 15 para determinar quantas arrobas ela possui e, em seguida, multiplicar pelo preço de uma arroba (R\$ 200). Nesse cenário, a mesma

vaca de 250 kg atingiria cerca de R\$ 3.300,00, oferecendo uma vantagem significativa para o criador. Vale ressaltar que essa dinâmica pode variar de propriedade para propriedade. Em compras volumosas, como aquisições para a recria de vários animais, é comum realizar a transação com o gado de pé. No entanto, para compras menores, envolvendo um ou dois animais, é mais frequente negociar com base na medida de arrobas.

Os gastos relacionados à criação de gado são uma parte essencial da gestão pecuária. Estes gastos incluem despesas com a vacinação, para garantir a saúde do rebanho, especialmente importante para prevenir doenças e manter a produtividade do gado. Além disso, um dos custos significativos é o sal, que se torna especialmente importante durante a época da seca, para garantir que os animais recebam os nutrientes necessários. O combustível também tem representado um peso cada vez maior nos gastos relativos ao gado. Outro componente crítico dos gastos relacionados ao gado é o trabalho humano. Os cuidados diários, a alimentação e a manutenção dos animais exigem mão de obra qualificada, muitas vezes envolvendo trabalhadores locais que recebem um pagamento diário para suas atividades na fazenda.

Os preços do gado na região da Prata variam de acordo com a idade e a condição dos animais. Em média, um bezerro de 8 meses é vendido por cerca de R\$ 1.200,00, enquanto um garrote pode alcançar até R\$ 1.600,00. O preço de um boi gordo costuma ficar em torno de R\$ 2.800,00. Para bezerras, o valor é em média R\$ 1.100,00, enquanto novilhas podem chegar a R\$ 1.300,00. Vacas magras são negociadas na mesma faixa de preço, até R\$ 1.600,00, enquanto vacas gordas podem atingir até R\$ 2.200,00. Vaca parida, ou seja, que teve filhotes recentemente, pode ser vendida por até R\$ 2.400,00. Por outro lado, tourinhos, que são machos jovens, são mais caros, com valores em torno de R\$ 6.000,00, enquanto touros de alta qualidade podem alcançar até R\$ 10.000,00. Os touros são frequentemente usados para “choque”, ou seja, melhorar a genética do rebanho por meio de cruzamentos, o que justifica o seu preço mais elevado.

Tabela 1 - Média dos preços do gado na Prata, no segundo semestre de 2023

Categoria	Preço (R\$)
Bezerro (8 meses)	1.200
Garrote	1.600
Boi gordo	2.800
Bezerra	1.100
Novilha	1.300
Vaca magra	1.600
Vaca gorda	2.200
Vaca parida	2.400
Tourinho	6.000
Touro	10.000

Fonte: do autor

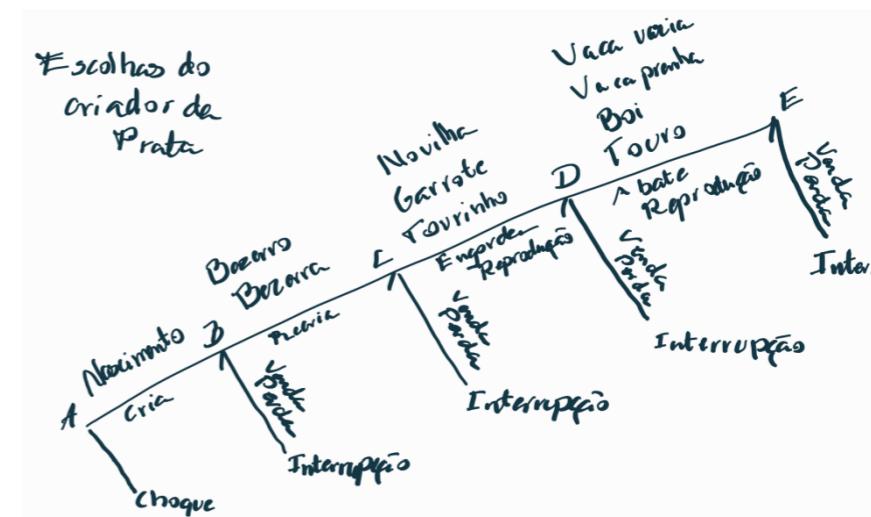
4. Além disso, há vendedores de insumos que percorrem a região oferecendo produtos com preços mais altos do que na cidade, e essa prática pode ser acompanhada de alguma insistência.

Elaborando a tabela acima durante a escrita da dissertação, ficou evidente que a predominância do comércio para recria no mercado local está associada aos propósitos dos pequenos criadores, de reprodução e crescimento do rebanho. Com estratégias de manejo de gado que priorizam a renovação e expansão do plantel, os criadores estão investindo não apenas na produção imediata de carne, mas na construção e manutenção de um rebanho robusto e sustentável ao longo do tempo.

O criador toma decisões práticas sobre o gado,

optando por vendê-lo ou trocá-lo quando necessário. Embora seja possível obter preços mais altos vendendo em locais distantes, a distância muitas vezes torna essa opção inviável, levando a negociações com produtores locais que têm meios de transportar o gado. Em relação às compras, a comunidade tende a adquirir apenas o que está em falta⁴. O gado desempenha um papel versátil, sendo vendido, trocado ou consumido, mas também sujeito à predação por onças e outros predadores.

Figura 02 - Ilustração de um organograma das escolhas do criador



Fonte: do autor

A representação acima exemplifica uma árvore de decisão simplificada que formaliza o processo de

tomada de decisão de um criador Kalunga. No ponto A, o criador opta pelos animais que farão o “choque”/cruzamento para dar origem ao filhote. Tem-se o processo de cria e em seguida o próximo ponto de escolha (B), onde ele opta por manter os filhotes ou vendê-los. Há ainda causas externas que podem levar a perdas e interrupções, como os ataques de onça. Segue-se o processo de recria e o novo ponto (C), onde abre-se um leque maior de possibilidades, com a venda, engorda ou reprodução e assim por diante. A árvore representa os eventos relevantes e as consequências esperadas de cada curso de ação. Esses modelos de decisão levam em consideração a representação de diferentes cursos de ação sob condições variáveis, assemelhando-se aos modelos de fluxo de energia. A distinção principal reside na simplificação do modelo, que é frequentemente mais eficaz quando usado em conjunto com outras abordagens (Moran 1994).

Em pesquisas relacionadas à tomada de decisões agrícolas, foi identificado que o acesso à terra era um critério fundamental para entender os padrões de utilização, embora outros fatores comunitários também desempenhassem um papel significativo. Para incorporar essas informações relevantes para os modelos de fluxo de matéria e energia, é im-

portante atribuir uma lógica às decisões humanas. Considerações temporais e espaciais desempenham um papel central no processo de tomada de decisão. Estratégias humanas frequentemente seguem uma abordagem sequencial, o que se torna evidente quando analisamos as respostas das pessoas em diferentes níveis de estresse, que podem ser associados aos cuidados com o gado. Cada decisão tomada restringe o conjunto de opções disponíveis para o próximo indivíduo (Moran 1994).

Em resumo, as decisões de troca, compra e venda na região são baseadas em necessidades práticas da família e nas circunstâncias locais. As doações geralmente estão relacionadas a períodos festivos e/ou sagrados. É importante destacar que a pecuária na região da Prata não gera lucros mensais, mas sim anuais. Isso significa que os criadores de gado precisam planejar a longo prazo, considerando o ciclo de reprodução dos animais e as variações sazonais na oferta e demanda do mercado pecuário. Além disso, em algumas situações, o gado acaba desempenhando um papel relevante na manutenção das boas relações entre vizinhos. Como muitos criadores mantêm seus animais soltos, o gado pode vagar para áreas próximas à sede de outras fazendas. É crucial manter-se informado sobre o paradeiro desse gado para evitar

5. Não há foco na produção de leite com fins comerciais devido aos custos para manter uma vaca produzindo quantidades satisfatórias.

roubos, ataques ou o “embrabecimento”.

O gado também é um meio para a manutenção da posse da terra, que é vista como patrimônio e condição para que o pai de família se torne um sujeito transmissor da terra. No entanto, o conceito de negócio associado ao gado carrega ambiguidades. Quando se trata dos negócios realizados diretamente com pessoas de fora do território, como é o caso dos mescates que vendem insumos, os moradores geralmente consideram essas transações desvantajosas. Essa desvantagem está relacionada à assimetria de poder de barganha entre os Kalungas e outros grupos, resultando em relações comerciais desfavoráveis para os primeiros. Essa percepção é mais comum nos negócios envolvendo compra de insumos e a venda de gado “em pé”.

A venda da produção e a obtenção do valor monetário pelo trabalho são vistas como expressões de autonomia camponesa. No entanto, os Kalungas frequentemente comparam os ganhos atuais com a abundância do tempo do curraleiro, um período em que os lucros comerciais eram menos relevantes para o sustento das famílias. Essa comparação não se limita apenas a uma dimensão econômica, mas também envolve valores tradicionais locais e respostas

da comunidade às mudanças em seu entorno. Isso resulta em uma reorganização, tanto das rupturas internas quanto da interpretação do passado, que passa a ser ideologizada. A eficácia ideológica dessa interpretação não depende de provas concretas, mas sim da aceitação coletiva. Em outras palavras, a comunidade adota essa interpretação como verdadeira para legitimá-la (Chauí 1979).

6. Ajustes locais ao contexto atual

(...) uma “nova ecologia”, que está preocupada não somente em descobrir desordem distúrbio e casualidade, mas em substituir o conceito de ordem por eles.

(Walter Neves, no texto “Antropologia ecológica”)

A orientação mercantilista traz consigo uma variedade de estratégias que os criadores podem adotar. Quando o objetivo é maximizar a produção de carne para venda, a ênfase está na qualidade, ou seja, em utilizar o rebanho de forma a obter o maior retorno possível com o mínimo de produção de biomassa de gado destinado à engorda⁵. No entanto, quando o gado é criado para a subsistência, sendo um recurso

vital para a família, os resultados são bem diferentes. Daí a dualidade qualidade e quantidade. O cuidado com os animais coloca o criador em um padrão constante de tomada de decisões, que não segue uma rotina fixa. Diariamente, ele deve decidir para onde conduzir seus animais, considerando diversos fatores, como a qualidade da pastagem, a disponibilidade de água, a probabilidade de predadores, a competição com outros criadores e muitos outros aspectos; daí a fala do guia de campo sobre a criação solta ser mais trabalhosa. O sucesso ou o fracasso da criação está vinculado a essa gestão (Moran 1994).

O criador deve estar sempre ciente da condição de cada animal e atender às suas necessidades. Mesmo sem manter registros genéticos detalhados, um bom vaqueiro é capaz de reconhecer quando certos animais devem ser separados do rebanho e, quando possível, devem ser abatidos, trocados ou vendidos. A questão da venda de animais de pé ou no arroba é de grande importância, pois o criador está envolvido em constantes transações econômicas com seus vizinhos, construindo laços de reciprocidade. Portanto, chegar a acordos satisfatórios é vital para melhorar seu bem-estar (Moran 1994).

O tamanho das famílias está diretamente re-

lacionado à estratégia de criação. Quanto maior o número de pessoas na família, em diferentes casas, maior a dispersão dos criadores, o que torna a forragem e a água mais abundantes e permite manter um rebanho maior, que reflete a ideia de “fazer número” mencionada anteriormente. As considerações sociais, juntamente com informações sobre a localização de pastagens naturais e fontes de água, influenciam o deslocamento dos rebanhos. Por exemplo, existem várias fontes de água em diferentes locais, cada um com suas vantagens e desvantagens e que podem ser alvo de concorrência (Moran 1994).

Um local pode ser mais rico em pasto, mas ter menos recursos hídricos, enquanto outro pode estar próximo a boas fontes de água, mas pode exigir atravessar terrenos acidentados ou “boqueirões de erva”, o que pode ser fatal para o gado e desgastante para o vaqueiro. Além disso, locais favoráveis podem ser conhecidos por outros vaqueiros, o que significa que seus recursos podem ser esgotados, tornando-os menos atrativos. Os criadores também podem evitar áreas adequadas para o pastoreio devido a possíveis conflitos com vizinhos que reivindicam a posse da área. Isso se reflete no estabelecimento dos retiros de cada criador.

O deslocamento dos rebanhos está limitado por outras atividades da população, como a prática sazonal da agricultura, especialmente em áreas onde o período de crescimento das plantas coincide com a estação seca, fato que foi citado por alguns criadores para o abandono do curraleiro, um gado que “não respeita cerca”. O deslocamento dos rebanhos pode ocorrer em ritmos variados, e essas decisões são influenciadas pela disponibilidade de recursos hídricos, qualidade da forragem, frequência de ataques ou roubos, bem como por fatores sociais e econômicos. Esses fatores também influenciam na preferência por fêmeas nos rebanhos de pequenos criadores. Mais fêmeas permitem a recuperação mais rápida dos rebanhos após eventos adversos, aumentando a sua resiliência (Moran 1994) e a disponibilidade de leite e seus derivados na dieta.

Além do gado, a maioria das famílias cria animais menores, como galinhas e porcos, que fornecem carne e ovos, no primeiro caso, e carne e óleo/banha, no segundo. Esses animais geralmente têm taxas de reprodução mais elevadas em comparação com o gado e desempenham um papel importante na dieta e nas obrigações sociais relacionadas ao compartilhamento de carne. Além disso, uma variedade de animais auxilia a obter mais carne, leite, transporte

e produtos, dada a potencialidade de cada espécie e raça. A criação diversificada de animais desempenha um papel importante na capacidade das famílias de enfrentar a transição da estação chuvosa para a seca. Isso ocorre porque diferentes tipos de animais têm necessidades alimentares e de água variadas e, portanto, podem se ajustar de maneira mais flexível às mudanças na disponibilidade de forragem e recursos hídricos ao longo do ano. Por exemplo, depois das primeiras chuvas, quando a vegetação está mais abundante e a água é mais acessível, os criadores podem permitir que seus animais pastem e bebam livremente para ganhar peso e condição física. No entanto, à medida que a estação chuvosa chega ao fim e a estação seca se instala, a quantidade de forragem disponível diminui e as fontes de água podem secar ou ficar mais distantes. Os criadores que praticam a criação mista migram para o modelo fechado e o gado dos criadores que criam na solta tende a perder bastante peso. O curraleiro é saudoso nesses períodos, graças a sua capacidade de “comer até lama”. No entanto, porcos e galinhas tendem a não sentir tanto. Ao ter uma variedade de animais em seu rebanho, os Kalunga otimizam o uso dos recursos disponíveis ao longo do tempo. Isso aumenta suas chances de manter seus animais saudáveis e bem alimentados, mes-

mo quando a oferta de forragem e água é limitada. A diversificação ajuda a suavizar as pressões sazonais sobre os rebanhos e a garantir a subsistência contínua das famílias (Moran 1994).

Em resumo, há duas abordagens opostas bem claras e um amplo espectro de possibilidades entre elas. A estratégia de gerenciamento dos rebanhos “na solta” é claramente moldada pela necessidade de maximizar o número de animais, especialmente fêmeas, e diversificar a população de animais de criação para otimizar a exploração do ambiente e a disponibilidade de produtos úteis. Aplicada principalmente por pequenos produtores, essa estratégia é sensata, dado o ritmo lento de reprodução do gado, as condições ambientais desafiadoras, que resultam em reduções nos rebanhos, e a importância dos animais como meio de troca e subsistência. Além disso, as alianças e as práticas tradicionais de redistribuição desempenham um papel fundamental na gestão dos recursos. Isso permite superar algumas limitações impostas pelo ambiente e prosperar. Até o roubo, em alguns casos, pode funcionar como forma de reposição e redistribuição de animais (Moran 1994).

Os pecuaristas mais ricos têm uma abordagem mais voltada para o mercado do que para a subsis-

tência. Por esse motivo, eles dão menos ênfase às fêmeas, conferindo grande importância ao ganho de peso de cada animal, obtido via criação intensiva, em pastos cultivados. Eles ajustam o tamanho do rebanho de acordo com o preço da carne no mercado, as restrições locais e a capacidade da pastagem de proporcionar ganhos desejados. No geral, a gestão eficaz dos rebanhos é uma combinação complexa de estratégias tradicionais, adaptações às mudanças ambientais e desafios contemporâneos, como o crescimento populacional. Essa gestão desempenha um papel crucial na subsistência das comunidades pastorais e na preservação dos ecossistemas em que vivem (Moran 1994).

Tabela 2 - Resumo das características da criação de gado na Prata Kalunga

Característica	Criação solta	Criação fechada
Estratégia de gerenciamento	Maximização do número de animais, principalmente fêmeas, e diversificação de espécies	Número de animais orientado pelo mercado, principalmente machos, e foco em raças específicas mais pesadas
Aplicação principal	Pequenos criadores	Grandes criadores
Ritmo de reprodução	Lento	Rápido
Tipo de gado	Predomínio do criolo/comum	Predomínio do nelore/anelorado
Tipo de pasto	Natural	Cultivado
Limites	Naturais (rios, boqueirões de erva, terrenos acidentados etc.)	Cercas
Impactos ambientais	Mais exposto	Monitoramento constante

Fonte: do autor

A tabela acima resume as principais diferenças dos sistemas de criação. Já o sistema de identificação do gado é comum, feito com o uso de marcas, que são normalmente compostas pela inicial do proprietário e, às vezes, incluem um número. Essas marcas são aplicadas na anca dos animais. Quando um animal é vendido, uma nova marca é feita acima da anterior, refletindo a mudança de proprietário e o histórico do

animal ao longo do tempo. Esse sistema de marcação é uma prática comum na região e ajuda a manter o controle dos rebanhos à medida que são constantemente negociados.

Na região da Prata, poucos animais recebem nomes personalizados, sendo mais comum identificá-los com base em suas características físicas distintivas. Por exemplo, uma novilha branca com os chifres apontando pode ser chamada de acordo com essas características físicas marcantes. Além disso, outros atributos, como a presença ou ausência de marcas de proprietários, machucados específicos ou manchas distintivas, são frequentemente mencionados para facilitar a identificação dos animais durante as conversas.

É comum atribuir sentimentos ou traços de personalidade aos animais, dando-lhes apelidos que refletem essas características. Por exemplo, uma novilha que seja mais dócil chamada de “novilha branca lerda”, enquanto um garrote com um temperamento mais agressivo pode ser chamado de “garrote malhado bravo” ou “valente”. Esses apelidos não apenas ajudam na identificação dos animais, mas também podem transmitir informações sobre o comportamento ou as características individuais de cada um

deles. É uma maneira prática de descrever e se comunicar sobre o gado na comunidade. Um dado interessante é que o curraleiro tem uma descrição particular e que é comumente colocada em oposição às raças inseridas no território há menos tempo. Ele não é sistemático como o nelore e não requer tantos cuidados como o holandês. Essa caracterização única parece ser mais uma manifestação da memória associada ao tempo do curraleiro, ressaltando a adaptabilidade dessa raça em relação às condições locais e às práticas tradicionais de manejo.

7. A construção da memória

A manipulação da memória do grupo Kalunga é um fenômeno interessante e ilustrativo do modo como o passado pode ser reinventado ou ressignificado para atender às necessidades atuais da comunidade, principalmente no que diz respeito à coesão dos membros. A memória de um indivíduo é influenciada pela sua interação em diversas esferas da vida, como família, classe social, educação, religião, profissão, e outros grupos de referência que têm relevância para esse indivíduo. No contexto em análise,

o campo de interação é notavelmente específico, com destaque para os ambientes familiar e de trabalho, nos quais a variação de pessoas é limitada. Além disso, as pessoas geralmente não se limitam a lembrar o passado, mas também o reinterpretam e o reconstroem à luz de suas experiências e ideias atuais (Moran 1994).

No caso da ressignificação do tempo do curraleiro, como um período de abundância, menos conflitos com o meio ambiente, fartura e mais união entre os moradores, ela serve a diversos propósitos. Em primeiro lugar, permite que a comunidade dê sentido a uma crise atual, caracterizada pela perda dos saberes tradicionais, associada à acusação de que a nova geração não está dando continuidade às práticas deixadas pelas gerações passadas, e pelos conflitos com a fauna silvestre. Os jovens, influenciados pelas oportunidades nas áreas urbanas em expansão e pela ideia de que o uso do território Kalunga tem restrições, têm demonstrado um interesse crescente em deixar seus territórios, o que contribui para essa crise.

A compreensão entre os mais jovens é que o uso da terra na região enfrenta uma série de limitações. Essas limitações se referem às normas positivas

vadas no Regimento Interno, relativas ao tamanho das áreas disponíveis e à consciência ambiental arraigada na comunidade. Em muitas das entrevistas realizadas com produtores mais jovens foi evidente que eles têm uma compreensão sólida de que “no Kalunga não se pode mexer” indiscriminadamente na terra. Em um contexto comercial, os produtores mais jovens reconhecem a necessidade de investir em qualidade em vez de quantidade. Dada a limitação de espaço, os recursos são direcionados para melhorar a qualidade dos rebanhos existentes, em um processo de especialização da produção.

É válido destacar que os criadores apresentam uma grande variedade de especializações e que essas especializações variam com o tempo. Como discutido anteriormente, alguns concentram-se principalmente na criação de um tipo específico de raça ou animal, enquanto outros optam por diversificar suas criações. Essa diversidade de especializações é marca do período das onças e é influenciada por fatores ambientais e econômicos, incluindo a localização, o tamanho das famílias e o acesso à água e aos pastos (Moran 1994).

Famílias que praticam a agricultura sazonalmente tendem a estabelecer uma divisão interna do

trabalho, na qual as mulheres realizam as tarefas agrícolas e os homens cuidam dos rebanhos. Essa é mais uma entre as várias formas de obtenção de produtos não relacionados à pecuária, que representam alternativas para diferentes condições ambientais, econômicas e culturais. A população pode variar suas estratégias em resposta a mudanças nas taxas de troca, nas oportunidades agrícolas locais e nas relações sociais e políticas com seus vizinhos. Por exemplo, boa parte dos interlocutores afirmou já não produzir mais arroz, feijão e óleo, dado o elevado custo para produção e o baixo valor desses produtos nos mercados (Moran 1994).

Alterações na produtividade agrícola têm um impacto direto sobre as estratégias adotadas pelas famílias. Por exemplo, a expansão do mercado de carnes global resultou na introdução de novas raças de gado no território e em uma alteração nos valores associados aos animais. Novas tecnologias nos setores agrícolas e pecuários afetam os custos dos insumos, levando a mudanças nos sistemas de produção. Limitações políticas relativas ao recente Regimento Interno restringiram os usos da terra, provocando mudanças nas condições dos rebanhos e afetando sua produtividade. O aumento da população, desde a época do projeto até os dias atuais, também resul-

tou em alterações notáveis. Na época do curraleiro, não havia cercas ao longo das trilhas, e muitas delas eram pastagens. Hoje, a maior parte dessa terra está ocupada e cercada. Essa situação é vista como uma questão a ser enfrentada por muitos criadores, que sentem que a paisagem mudou devido à expansão da agricultura e ao uso de cercas (Moran 1994).

Essa abordagem vinculada à ideia de que “no Kalunga não se pode mexer”, apesar de refletir a conscientização sobre a sustentabilidade e a conservação dos recursos naturais, tem sido um motor do êxodo dos mais jovens e de uma nova especialização da produção de gado. Os moradores compreendem que, devido às restrições geográficas e ecológicas da região, é fundamental adotar práticas agrícolas e pecuárias que mantenham o equilíbrio entre a produção e a preservação do ambiente e isso tem promovido a individualização da produção.

Reinterpretar o passado como uma época de fartura e união pode funcionar como um lembrete e um incentivo para que os membros da comunidade valorizem as suas tradições e o território. Ao atribuir um significado positivo ao “tempo do curraleiro”, os Kalungas podem reforçar a importância de preservar suas práticas e conhecimentos tradicionais, com o in-

tuito de recuperar o que percebem como um estado mais próspero do passado. Essa ressignificação da memória coletiva não apenas lhes permite enfrentar os desafios atuais do período das onças, mas também fortalece seu senso de identidade e conexão com a terra e a cultura (Santos 2012).

Se por um lado, as situações de crise têm raízes na agudização consciente de valores tradicionais (Woortmann 1990), por outro, elas estão intrinsecamente relacionadas à interação entre os jovens e o ambiente rural. Embora seja amplamente reconhecida na comunidade a urgência de preservar as tradições locais, são poucos os moradores que desejam seguir os trabalhos agrícolas no modelo de seus pais, fato que evoca novamente a dualidade entre quantidade (modelo dos mais velhos) e qualidade (modelo dos mais novos). O futuro é, portanto, delineado pela valorização da educação como uma forma de preparar os jovens para ocupações urbanas ou em áreas rurais com menos restrições, o que implica deixar a terra de lado (Santos 2012).

Entretanto, para os mais velhos, a visão de um futuro significativo está intrinsecamente ligada à permanência dos jovens na terra e à continuidade do processo de trabalho camponês. O dilema emerge

6. O que aconteceu comigo e foi rapidamente remediado pela companheira de viagem.

quando se considera que nem a vida rural nem as profissões urbanas podem garantir aos jovens uma vida considerada satisfatória. Além disso, o baixo nível de escolaridade encontrado na comunidade reflete o desafio de encontrar um caminho de sucesso que respeite a relação entre o ser humano e o ambiente (Santos 2012).

O dilema entre influenciar os filhos a buscar oportunidades na cidade, afastando-se da terra e das tradições, ou incentivá-los a manter um estilo de vida tradicional, é um dos problemas amplamente reconhecido pela comunidade. Muitos culpam a entrada de pessoas de fora pela desestabilização das tradições locais, seja por meio de casamentos exogâmicos, pelo turismo ou pela venda de terras para forasteiros.

A influência dos núcleos urbanos próximos, em particular a introdução de costumes não tradicionais, foi amplificada pelo início do turismo na região, sobretudo nos anos mais recentes. Esse rápido crescimento do turismo ao redor da comunidade da Prata resultou na invasão de terras e na introdução de novos valores e modos de vida, que muitas vezes estão em desacordo com a tradição da comunidade. Tanto é que na Prata é comum ouvir que as pessoas

não gostam de turistas e pregam peças sempre que podem⁶, ensinando caminhos errados, por exemplo. Essa frente de expansão, característica da zona rural da cidade de Cavalcante, influenciou várias pessoas a buscar fontes de renda que não envolvem o trabalho com a terra, impactando decisivamente a relação entre os habitantes e o ambiente natural, bem como enfraquecendo a coesão da comunidade.

8. Conclusão

Se adaptar nada mais é do que considerar as imposições da natureza ressaltando seus efeitos positivos e tentando minimizar os negativos.

(Maurice Godelier, no texto “L'idéal et le matériel”)

Nos últimos anos a criação de gado na região da Prata passou por mudanças significativas. Antigamente, era um esforço coletivo, mas agora os criadores se especializam em diferentes fases da criação. Diferentes tipos de gado são criados, cada um com características específicas. Alguns, como o nelore/anelorado, tabanel e tabapuã, são escolhidos pela qualidade de sua carne ou leite, enquanto

o gado criolo/comum é mais comum e preferido por sua adaptabilidade e quantidade. Essa distinção entre qualidade e quantidade reflete a diversidade de objetivos dos criadores na região. Entre aqueles que ainda se dedicam ao trabalho no território, houve uma especialização nas diversas etapas do processo agrícola e do próprio gado. Antigamente, o envolvimento da família era essencial em todas as fases, desde o nascimento dos animais até o abate. Hoje em dia, alguns se dedicam exclusivamente a uma fase específica desse processo: o que antes era um esforço coletivo tornou-se mais individualizado. Assim, o “período das onças” representa uma fase de transformações na relação entre os Kalunga e suas criações, onde antigas tradições se adaptam aos desafios da modernidade.

Há uma nostalgia em relação ao passado, quando o clima era mais previsível, a natureza mais generosa e as famílias mais unidas. A cooperação era a chave para o sucesso. Hoje em dia, o clima mudou substancialmente, e muitos relatam que não há mais a mesma união entre as pessoas. O processo de cercamento e definição clara dos退iros de cada criador parece ser uma expressão desse movimento. Além disso, afirmam que o custo de vida aumentou. A ideia é de que antigamente vivia-se bem com pouco. São

essas mudanças internas na estrutura familiar e de vizinhança que têm contribuído para a sensação de fragilidade do povoado em relação à sociedade circundante. Especialmente quando o presente é comparado com um passado em que a unidade familiar era a base da produção, reforçando o valor da terra como patrimônio. Não é raro que os Kalunga recorrem esse passado como um período de fartura, onde tudo era abundante. A criação de gado desempenha um papel significativo nesse processo, sendo vista como uma importante ferramenta de preservação da tradição local. É o elo que liga o passado ao presente, oferecendo novas perspectivas para o futuro da comunidade.

Uma possível resposta à situação atual, defendida pelos mais velhos, é a valorização de sua identidade como quilombola e o reconhecimento dos serviços ambientais que a comunidade presta. Essa identidade situacional emerge como uma resposta diante de conflitos com grupos econômicos e agências governamentais, especialmente no contexto da busca pela reintrodução do curraleiro e da retomada de terras apropriadas ilegalmente por fazendeiros. No entanto, para a maioria da nova geração, a identificação como quilombola e a busca pela demarcação definitiva de seu território não são suficientes para

reforçar a necessidade de trabalhar na terra de seus pais. A busca por outras fontes de renda já se consolidou como uma realidade e há uma ideia difundida de que “no Kalunga não se pode mexer”. Eles percebem que os benefícios desse processo muitas vezes se voltam mais para seus pais do que para eles próprios, uma vez que a maioria de suas aspirações não envolve o trabalho no campo.

Apesar disso, a discussão em torno da emergência da identidade quilombola tem exercido uma influência significativa na ampliação das perspectivas da comunidade em relação à regularização de seu território e à valorização do que é tradicional. Os Kalunga estão enfatizando que a titulação de suas terras pode ser uma forma de preservar a comunidade e o meio ambiente, facilitando a continuação de sua cultura, seja no que se refere à criação de animais, ao uso do solo, às festas tradicionais ou à estrutura familiar que eles valorizam. A autoestima dos moradores, juntamente com a identificação positiva com a noção de quilombola, é um dos aspectos mais visíveis desse esforço em direção à demarcação territorial (Santos 2012). No entanto, é importante destacar que esse é apenas o primeiro passo em direção à defesa dos direitos dessa comunidade como um todo.

Neste artigo procurei analisar a relação dos Kalunga com a fauna doméstica, ao longo de seu processo histórico, que está contido na memória coletiva. Isso não apenas lança luz sobre um período considerado como de fartura, mas também sobre aspectos sociais fundamentais para a consolidação do modo de vida característico daquela comunidade rural. Esses aspectos, transmitidos pela história oral dos moradores, apontam para a importância da terra, do trabalho e da família como elementos centrais para a própria reprodução do grupo como coletividade. Sua estabilidade depende não apenas da permanência do produtor na terra, mas também da preservação do conhecimento tradicional.

Referências

- AURÉLIO NETO, O. A pecuária tradicional como forma de (re)existir no campo: o gado Curraleiro no Território Quilombola Kalunga, na região nordeste de Goiás. **Élisée - Revista de Geografia da UEG**, v. 5, n. 1, p. 57-77. 2011.
- BRASILEIRO, S. E SAMPAIO, J. A. Sacutiaba e Riacho de Sacutiaba: uma comunidade negra rural no oeste bahiano. In: O'DWYER, Elen C. (org.). **Quilombos: identidade étnica e territorialidade**. Rio de Janeiro: Editora FGV. 2002.
- CHAUÍ, M. de S. Os trabalhos da memória. In: BOSI, Ecléa. **Memória e sociedade, lembrança de velhos**. Editora Universidade de São Paulo. 1979.
- FIORAVANTI, M. C. S. et al. **Reintrodução do gado Curraleiro na comunidade quilombola Kalunga de Cavalcante, Goiás, Brasil**: resultados parciais. Simpósio Nacional do Cerrado, 9. 2008.
- MAESTRI, M. A aldeia ausente: índios, caboclos, cativos, moradores e imigrantes na formação da classe camponesa no Brasil. In: STEDILE, João P. (org.). **A questão agrária no Brasil**. São Paulo: Expressão Popular, v.2. 2005.
- MORAN, E. F. **Adaptabilidade Humana: Uma Introdução à Antropologia Ecológica**. São Paulo: EDUSP. 1994.
- O'DWYER, E. C. Os quilombos e a prática profissional dos antropólogos. In: O'DWYER, Elen C. (org.). **Quilombos: identidade étnica e territorialidade**. Rio de Janeiro: Editora FGV. 2002.
- OLIVEIRA, J. H. F. de et al. Nelore: base genética e evolução seletiva no Brasil. Embrapa Cerrados. **Documentos**, 49, 54p. - ISSN 1517-5111. Planaltina, DF: Embrapa Cerrados. 2002.
- PEIXOTO, M. G. C. D. et al. **Programa Nacional de Melhoramento do Guzerá para Leite: resultados do Teste de Progénie, do Arquivo Zootécnico Nacional e do Núcleo Moet**. Juiz de Fora: Embrapa Gado de Leite. 2009.
- ROSA, A. do N. et al. Raças mochas: história e genética. Campo Grande: EMBRAPA-CNPGC. 64p. (EMBRAPA-CNPGC. **Documentos**, 50). 1992.



FRANCISCO OCTÁVIO BITTENCOURT DE SOUSA

ROSA, J. G. **Sagarana** - [Ed. especial]. - Rio de Janeiro: Nova Fronteira. 2012.

SANTOS, I. R. dos. Tá fazendo marmelada, compadre? Um seio sobre a cultura do marmelo em Mesquita, Goiás. In: LEITE, Renata et al (org.). **3º Prêmio Territórios Quilombolas**. Brasília: Ministério do Desenvolvimento Agrário. 2012.

SCHLESINGER, S. **ONDE PASTAR?: o gado bovino no Brasil**. 1^a edição. Rio de Janeiro: Ed. Fase. 2010.

SOUSA, F. O. B. de. **Se o grileiro vem, pedra vai: redes de solidariedade e suborno na Fazenda Bonito, território Kalunga**. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Ciências Sociais) – Universidade de Brasília, Brasília. 2022.

SÜSSEKIND, F. **O rastro da onça: relações entre humanos e animais no Pantanal**. Rio de Janeiro: 7 Letras. 2014.

TAVARES DOS SANTOS, J. V. **Colonos do Vinho**. HUCITEC. São Paulo. 1984.

WOORTMANN, E. **O trabalho da terra: a lógica e a simbólica da lavoura camponesa**. Brasília, Editora Universidade de Brasília. 1997.

WOORTMANN, K. Com parente não se negocia. O campesinato como ordem moral. **Anuário Antropológico/87**. Edições Tempo Brasileiro. 1990.

